

Editorial

O presente número da revista *Espaço Pedagógico* tem como tema o particular e o universal, o local e o global. O avanço da ciência introduziu um padrão universal de conhecimento e de saber. Sem desmerecer esse avanço, que foi e é fundamental para a humanidade, é preciso questionar seus limites. Dito de outra forma, há dimensões da vida e da realidade que não podem ser mensuradas nem julgadas por esse padrão universal. Como tratar da tensão existente entre a tendência universalizante e as realidades e experiências locais ou particulares?

É importante observar que a tensão entre o particular e o universal tem milênios de história. Abordar essa problemática implica, portanto, reconhecer que não se trata de uma novidade nem de algo simples. Parece ser mais correto reconhecer que essa tensão é necessária para o avanço da própria ciência e das demais formas de conhecimento. O risco é afirmar uma dimensão em detrimento da outra. Até algumas décadas atrás, a hegemonia da ciência era evidente. Hoje essa posição não é pacífica, em parte, como decorrência da emergência de paradigmas que colocaram em evidência novos sujeitos, identidades, indivíduos e subjetividades. Decorrem dessas mudanças novas abordagens, metodologias, paradigmas, conceitos, valores, etc. Hoje é impossível pensar pesquisa no campo das ciências sociais, no caso, a educação, sem levar em consideração essas novas realidades.

Os textos que compõem o presente número tratam de temas e questões que de diferentes formas enfocam o tema de fundo: o particular e o universal. O texto de Marin, “Interculturalidade e descolonização do saber: relações entre saber local e saber universal no contexto da globalização”, analisa os paradoxos da globalização, que afirma uma perspectiva universalizante, mas discriminatória e excludente. Discute, ainda, os desafios para a superação dos grandes problemas atuais, entre os quais os conhecimentos locais dentro de uma perspectiva multicultural, crítica e emancipadora. O texto de Balbinot, “O mal-estar da educação: sobre como Lourenço Filho tenta resolver a tensão indivíduo e sociedade”, e o de Mendes, “Sujeito, subjetividade e educação: as bases fundantes do discurso pedagógico moderno”, aprofundam a tensão entre indivíduo e sociedade, entre sujeito e estrutura, o primeiro tomando como referência o pensamento de um importante educador brasileiro, Lourenço Filho, e o segundo fazendo uma discussão mais ampla da modernidade.

Na sequência, dois textos tomam como ponto de partida histórias de vida. Os textos de Fávero e Tonieto, “Os professores e suas histórias de vida: o particular e o universal na formação docente”, e de Marques, “Memórias de um professor: a instigante história de vida do professor Frederico Michaelson”, tomam como ponto

de partida memórias e de como elas se constituem em possibilidades de articular o particular aos processos mais amplos na formação de professores e na história da educação.

Compõe ainda o presente número o texto de Dalbosco, “O mestre na praça: sentido pedagógico das metáforas socráticas”, que discute a contribuição de um grande educador: Sócrates. Faz isso tendo como referência três metáforas utilizadas por Sócrates e delas busca extrair implicações pedagógicas. O texto de Bedin, “Gestão democrática da educação: processos, desafios e exigências emergentes nas escolas”, analisa como, no âmbito da escola, é possível construir novas experiências de gestão participativa e democrática. Com base numa pesquisa etnográfica, o autor adentra no âmbito da escola para discutir as possibilidades de ressignificar o seu papel quando organizada democraticamente. É o estudo de uma experiência local, mas que abre possibilidades para qualificar ações mais amplas e definir procedimentos institucionais.

O texto de Pereira e Lourenço, “O currículo na universidade: da sociedade disciplinar à sociedade de controle”, como na universidade se dá a tensão entre a disciplina e o controle e a perspectiva de ação crítica e a afirmação dos sujeitos.

O texto de López, Roman, García e Sánchez discute uma problemática fundamental que está ganhando corpo nas últimas décadas em conferências nacionais e internacionais e na legislação educacional: a questão da diversidade. O texto permite aprofundar como dar conta de políticas educacionais que formulam propostas para sistemas e o tratamento particular às situações de portadores de necessidades especiais. Quando a diversidade é negada, instaura-se a violência. O texto de Monfredini e Feldman, “Do ‘novo’ ou ‘recordando o futuro’: políticas de inclusão no ensino superior brasileiro”, vai nessa mesma direção e aprofunda as políticas de inclusão no ensino superior brasileiro. Trata-se de uma discussão fundamental na perspectiva da afirmação da diversidade e da crítica aos processos homogeneizadores.

Finalmente, temos a resenha “Métodos *survey*: teoria e prática na pesquisa”, feita por Giolo do livro de Earl Babbie *Métodos de pesquisas de survey*. A mudança de paradigmas nas últimas décadas e os questionamentos ao modelo hegemônico de ciência positivista ocorreram com a expansão e a legitimação das pesquisas de campo. A resenha mostra a atualidade da obra, que é um clássico quando se trata de pesquisa de campo.

O diálogo entre o particular e o universal precisa ser permanente. Como já se chamou atenção, qualquer tentativa de afirmação de um dos polos empobrece o conhecimento e pode resultar na legitimação de processos excludentes. O particular ganha um sentido mais amplo quando consegue dialogar com o universal, e o universal se enriquece quando alimentado pelas pesquisas locais. A negação desse diálogo empobrece a todos.

Desejamos a todos uma boa leitura.

Telmo Marcon - Editor